



Leonardo Affonso de Miranda Pereira. **Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

Estudo de historiador analisa a transformação do esporte bretão em paixão nacional
A construção de uma pátria em chuteiras

por *Jadyr Pavão*

Antes de partida pelo Fluminense, em 1914, o “foot-baller” do tricolor carioca Carlos Alberto passou sobre o rosto grossa camada de pó-de-arroz, tentando esconder a pele escura. Dias antes, aos berros, havia sido chamado de “mulato pernóstico”. Com o suor, a maquiagem escorreu pelo rosto do atleta e o time de Laranjeiras ganhou o apelido que dura até hoje: pó-de-arroz. A historinha virou anedota, mas ainda é eloqüente. Guarda não apenas a trajetória de um jogador, mas de todo o esporte, que, à época, vivia popularização irrefreável e tensões, aglutinações e atos discricionários, fatos e processos contraditórios recontados e analisados pelo historiador Leonardo Pereira no livro “Footballmania”.

O “foot-ball” nasceu aristocrático no Brasil, sabemos, no fim do século XIX. Trazido na bagagem de jovens brasileiros endinheirados (Charles Müller, em São Paulo, Oscar Cox, no Rio) que iam procurar estudo na Inglaterra ou de filhos de imigrantes súditos de sua majestade, ele tinha aqui o papel de fazer os meninos nostálgicos recordarem a vida requintada e saudável da ilha. Distante da imagem que hoje se tem do esporte, ele era prerrogativa apenas de homens cultos, passatempo de famílias educadas.

Em cerca de quatro décadas, no entanto, o “foot-ball” ficaria bem mais parecido com o conhecido futebol: paixão, símbolo nacional, grande negócio. Em 1938, sensível ao crescimento da popularidade do esporte entre o grande público, Getúlio Vargas enviou o selecionado nacional com gordas verbas para a Copa do Mundo da França, no momento em que, por aqui, multidões lotavam estádios e se esbofeteavam nos portões de saída. Ao mesmo tempo, ex-trabalhadores braçais (como Leônidas, o Diamante Negro) trocavam de agremiações em busca de melhores condições de vida – era o nascimento da profissionalização.

O Diamante mal poderia pensar nisso anos antes, defende o estudo sobre o “foot-ball”. O esporte nascera nobre e nobre deveria ficar, defendiam os cartolas dos primeiros clubes, Fluminense, Payssandu e outros. As restrições ficam claras no regulamento de admissão de jogadores na Liga Metropolitana carioca, a federação local de então: “Para pertencer ao quadro de jogadores da Liga Metropolitana é mister que o proposto não seja cocheiro, carroceiro, covoqueiro, barbeiro, soldado (...), caixeiro de venda, de hotel, de botequim e uma porção de cousas mais, profissões estas que, no entender dos ilustres homens que inventaram esse regulamento, irão desmoralizar os brios da Liga Metropolitana.”

Foi impossível conter o “foot-ball”, que ia se tornando “pébol” na boca dos operários e moradores de bairros afastados da zona sul carioca. Em 1919, já haviam sido criadas três ligas para abrigar tantos boleiros: a Metropolitana, a Suburbana e a Associação Atlética Suburbana. Juntas, elas tinham em seus quadros 56 agremiações e 1.192 jogadores. Além disso, cerca de mais 300 clubes apareciam nos noticiários dos jornais naquele ano.

Os aristocratas do esporte tiveram de ceder. Os trabalhadores braçais iam aos poucos sendo assimilados e também os negros. Ao mesmo tempo, cronistas e intelectuais atribuíam ao esporte propriedades de catálise da identidade nacional, conforme os depoimentos recolhidos pelo historiador. Embates entre equipes brasileiras e estrangeiras eram analisadas como verdadeira oportunidade de afirmação do potencial nacional, na virada dos anos 20. Um confronto com as seleções argentina ou chilena (comuns nos últimos anos da década de 10) importava mais como

cartão de visita da nação do que como demonstração de superioridade técnica e tática. Pouco mais tarde, sim, se defenderia a superioridade do Brasil entre as quatro linhas.

Além dos apaixonados cronistas, escritores se envolveram na peleja acerca do status do "football". Coelho Neto foi defensor da esporte como síntese de brasilidade; Lima Barreto, ferrenho opositor. Até Graciliano Ramos se envolveu com a peleja em 1921. "Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismos, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo?", reclamou. Os bate-bocas se espraiaram pelos anos 20 e 30 – tempo de falar seriamente sobre o Brasil – e em nada se parecem com as mesas-redondas de fim de domingo de hoje.

Atento, o poder público tratou rapidamente de colocar suas velas à boa vontade dos ventos. "Nos primeiros anos do século, as autoridades já percebiam que o futebol poderia trazer dividendos, daí a presença de presidentes e prefeitos em partidas", comenta Pereira. "Já nos anos 30, no entanto, a situação é sensivelmente diferente: tentava-se usá-lo como sustentáculo, na ação sistemática de construção de uma imagem de nação."

O esporte foi ocupar lugar inédito na vida do país, aponta o historiador. Os negros entraram em campo ao lado dos operários, que também se ombream nas arquibancadas com os ricos da cidade. "O interessante é a idéia de comunicação entre classes e pessoas diferentes que existe, ainda que permeada de tensões, no futebol", diz. Ao se tornar paixão nacional, o esporte bretão teria propiciado a convivência, até onde possível, democrática, sincrética ao menos. "Antes, só o Carnaval tinha a possibilidade de igualar a todos", diz Pereira.

* Publicado em Valor, Nº 119 - Livros/Futebol
São Paulo, quarta-feira, 18.10.2000.